

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias_debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Todos 'Aruanas'

Ficção é ferramenta para alavancar transformações

Estela Renner e Marcos Nisti

Diretora, roteirista e fundadora da Maria Fariña Filmes; dirigiu e roteirizou a série de ficção 'Aruanas' (TV Globo)

Empreendedor social, produtor de cinema e TV e conselheiro do Greenpeace; é fundador da Maria Fariña Filmes e um dos criadores da série 'Aruanas'

"Quem gosta de floresta é índio e celebridade, o povo gosta de dinheiro, e isso não vai faltar". Essa frase sai da boca do vilão de "Aruanas" (que, em tupi-guarani, significa sentinela), no quinto capítulo da série que lançamos no último mês de julho. O personagem é um grande empresário interessado nos recursos minerais de terras indígenas e disposto a tudo para conseguir tirar desses territórios o que deseja. Mesmo que seus métodos tragam contaminação e morte.

"Aruanas", um thriller ambiental, é uma coprodução da Maria Fariña Filmes e da Rede Globo e trata a história de três amigas de infância que dirigem uma organização não governamental e que se veem envolvidas em uma trama para defender a floresta amazônica e os povos indígenas que vivem ali. Elas acreditam em um modelo de desenvolvimento que concilia proteção e lucro.

A série, que começamos a roteirizar em 2017, é tragicamente contemporânea, e a fala do nosso vilão poderia muito bem sair da boca de muita gente que ainda não consegue entender que a floresta tem muito mais valor em pé do que transformada em pasto ou garimpo.

Nas últimas semanas, por conta dos incêndios na região, a Amazônia passou a ocupar um lugar de destaque na imprensa mundial, e muito vem sendo debatido sobre preservação, regeneração, soberania e desenvolvimento local. Para nós, o momento pede também que pensemos em como desenhar outro futuro e em que caminhos podemos percorrer para chegar até lá.

"Aruanas", através da ficção, tenta dar voz ao ativista e valorizar sua coragem e disposição — uma vez que esses defensores, em sua maioria, de forma anônima, seguem diariamente na luta em todo o Brasil.

As organizações não governamentais que cuidam da Amazônia precisam do nosso apoio e respeito. Os ativistas desempenham um papel fundamental na construção do futuro que queremos, e trabalham duro para salvar a floresta, que está sob o alicerce de muitos.

Ser ativista sempre foi perigoso no Brasil, e tratá-los como criminosos aumenta ainda mais os riscos que correm. Tudo isso está retratado em "Aruanas", e foi também pela vontade de dar luz a esses indivíduos que a série foi idealizada.

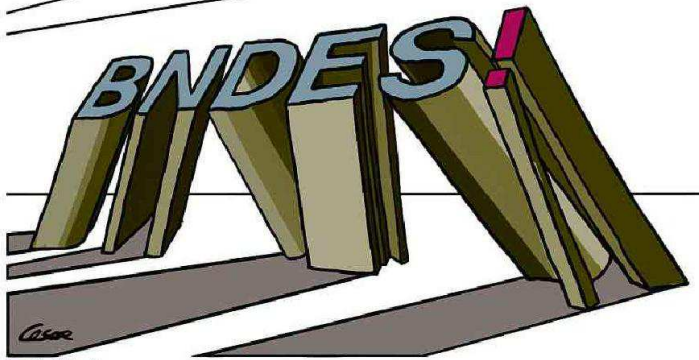
O entretenimento, em especial aquele feito para o grande público

e veiculado por canais mainstream que impactam milhões, é uma ferramenta poderosa, capaz de acelerar transformações individuais e, consequentemente, sociais e culturais.

Acreditamos que o entretenimento pode virar o jogo e abrir espaço para novos consensos, que nos tirem da polarização burra e que nos ajudem a avançar. A ficção tem grande impacto nas nossas trajetórias reais. Ela influencia nosso comportamento enquanto consumidores e pode igualmente nos provocar enquanto cidadãos. Pode nos fazer sonhar e nos colocar no prumo em busca de soluções que deem conta dos desafios socioambientais do nosso tempo.

Precisamos refletir e repensar as estratégias. Cada um e cada uma podem contribuir de onde está. Sim, o povo gosta de dinheiro, o povo precisa de dinheiro. Mas ele não precisa vir em detrimento da floresta em pé. É exatamente isso que as protagonistas de "Aruanas" tentam provar ao nosso vilão, e uma pesquisa Datafolha divulgada em agosto mostra que a população brasileira concorda com elas. A mineração em terras indígenas é reprovada por 86% dos brasileiros. A pesquisa, contratada pelo Instituto Socioambiental, atesta que a rejeição à entrada de empresas de exploração em reservas é de, no mínimo, 80% em todas as regiões, escolaridades, idades, sexos e faixas de renda.

Que façamos o nosso papel, que é o de mostrar que existe um caminho possível que alia lucro e biodiversidade, desenvolvimento local e conservação da floresta. E que o trabalho dos ativistas seja valorizado, pois são eles os sentinelas que nos ajudam a manter os símbolos de um país que tem nome de árvore, que canta em seu hino que é gigante pela própria natureza e que escolheu o verde para marcar sua bandeira.



Cesar Habert Paciornik

Um Prêmio Nobel para o Brasil

Nome do cacique Raoni ganha força na Noruega

Arnaldo Niskier

Professor, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e presidente do Conselho de Integração Empresa-Escola Rio (CIEE-RJ)

Gostamos de competir sempre com a Argentina. Há um setor em que sofremos há muito tempo: o da ciência. O país vizinho tem a honra de contar com o Prêmio Nobel de Bernardo Houssay (Medicina, em 1947), o que jamais ocorreu ao Brasil.

Como se diz no esporte, batemos na trave algumas vezes, com Josué de Castro, o grande autor de "Geografia da Fome", Jorge Amado e dom Hélder Câmara. Não contaram com a simpatia do governo brasileiro.

Agora, o assunto volta à tona, com os desastres ambientais da Amazônia. Fala-se no nome do cacique Raoni, lembrado para o Nobel da Paz, que é dado na Noruega. É claro que as caneladas nesse país escandinavo estão longe de ajudar nessa conquista desejada, o mesmo podendo ser dito em relação à redução das verbas para os projetos de iniciação científica.

Há uma clareira aberta recentemente pelo intercâmbio Brasil-Israel. Lideranças empresariais e políticas de Santa Catarina, como lembrou o jornalista Henrique Bernardo Veltman, visitaram a jovem nação, deixando fincadas as bases de um sólido intercâmbio, a partir da Universidade de Tel Aviv, hoje a maior instituição de ensino superior de Israel, com mais de 30 mil alunos, além de um quadro altamente qualificado de cientistas.

Foi uma iniciativa da Conib (Confederação Israelita do Brasil). O mesmo fez a ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), sob a liderança do reitor Celso Niskier (Uni Carioca). Foram 30 reitores brasileiros para Israel, em busca do necessário intercâmbio. Deixaram assinados oito convênios com esse fim, de olho, inclu-

sive, nas conquistas do "Vale do Silício" israelense.

Temos outro dado positivo, que é a existência, há três anos, do projeto Edupark, do qual fazemos parte a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e a Fundação Cesgranrio. Já foram exibidos nas escolas cariocas vários filmes israelenses ("Planeta Casa", "Dependentes da Vida" e "Livres para Ser"), todos em terceira dimensão, já assistidos com entusiasmo por 42 mil alunos. Iniciativas assim fazem a diferença.

Já imaginaram se dessa parceria, que envolve os afamados Instituto Weizmann de Ciências e o Technion, de Haifa, surgisse a conquista de um Prêmio Nobel? A ideia é perfeitamente possível, no quadro dos entendimentos internacionais que envolvem Brasil e Israel, inclusive se pensarmos nos 4 milhões de km² da região amazônica, com seus problemas e desafios, como a existência de queimadas que cresceram mais de 11% no período de 2013 a 2019. É um fato que merece ação prioritária dos cientistas.

Querem o exemplo de um nicho promissor? É o caso da venda consumada de 36 caças da suéca Gripen ao governo brasileiro. Prevê-se, a partir do ano próximo, uma intensa troca de tecnologia aeronáutica — é isso pode envolver a nossa Embraer e a Aeronautics Ltd. ou a Israel Aerospace Industries. Dará um Nobel?

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor | leitor@grupofolha.com.br
Cartas para o Barão de Limara, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Ágatha, 8

Como sempre, os pretos, de tão pobres, e os pobres, de tão pretos, que são a carne mais barata, sempre pagam o pato ("Menina de oito anos morre baleada no Rio de Janeiro", 22/9). O ministro Sérgio Moro deveria ter vergonha, pois é um dos principais apoiadores desse desgoverno que prega a violência. Witzel também deveria ser defenestrado do cargo. Impeachment já.

Augusto Philipov (Caxas do Sul, RS)

Moro, Witzel, Bolsonaro e bolsosnaristas de plantão, tenham dignidade e poupem as vítimas de suas declarações de solidariedade. Callem-se, pois tudo o que os parentes e amigos delas descartam é ver aqueles que incentivam a violência policial tentarem se passar por bons moços.

Isaías da Silva (São Paulo, SP)

O extermínio de populações faveladas pelos facinorosos Sérgio Moro, Jair Bolsonaro e Witzel só está começando.

Geraldo Magela Sobrinho (Belo Horizonte, MG)

Witzel disse que criminosos que matam inocentes devem morrer. Está claro quem incentiva policiais a matarem, como no caso da menina Ágatha Félix?

Márcia Alves Ferreira (Brasília, DF)

A morte de Ágatha nos diminui como país (John Donne). A criança assassinada leva consigo nossa civilidade, nossa dignidade. Temos guerra e barbárie, e Ágatha não teve chance de crescer neste país. País de um presidente cínico, com suas mãos nojentas em forma de arminha, defendendo interesses de milicianos. De um governador com delírios de Rambo. De um ministro da Justiça indiferente ou cúmplice. Vergonha.

Kely Passos (São Paulo, SP)

A vida é um bem que não está à disposição de quem quer que seja. Incapazes de projetar adequada política de segurança voltada para a incolumidade física, tanto dos agentes públicos ("Policial baleado no Alemão morre no Rio; é a 2ª morte de PMs no fim de semana", Cotidiano, 22/9) quanto da população, governantes como Witzel e outros tantos fazem a apologia da violência. Em um e outro caso, são cúmplices da matança que vai cefalando a vida dos mais vulneráveis.

José Felipe Ledur (Porto Alegre, RS)

Neoliberalismo

Inteligente, claro e sagaz o texto de Rodrigo Zeidan sobre o neoliberalismo no Brasil ("O fim do neoliberalismo", 21/9). Há séculos o Brasil é dominado e governado por associações de classe com forte influência no governo central. Somos ainda feudais e assistimos a esse domínio com resignação.

Paulo Roberto dos Santos (São Paulo, SP)

Concreto

Urbanistas e legisladores devem ter tido motivos sérios ao definir limites de construções nos bairros. Mas criou-se um trambique na lei estabelecendo a outorga onerosa — mediante pagamento, podem-se ultrapassar esses limites ("Concreto sem fim", Opinião, 21/9). Fica assim aceito que é permitido o esquentar os bons princípios originais e estragar definitivamente regiões com excesso de habitantes e falta de espaço para que se viva de modo minimamente aceitável.

Joel Fernando Antunes de Siqueira (São Paulo, SP)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

OPINIÃO (21.SET, PÁG. A2) Diferentemente do publicado no editorial "Light", mas pesado", para vigorarem na eleição de 2020, novas regras eleitorais precisam ser sancionadas até 3 de outubro de 2019, não até 4 de outubro.

Lula livre

O leitor José Lóiola Carneiro ("Painel do Leitor", 22/9) referendamos contestação a sentença de Lula e não admite julgamento e possível condenação de Sérgio Moro. Foi suprimida a lacuna. Enfim, temos agora, contra a satânica figura do "bandido de estimação", o surgimento do "mocinho de estimação".

José Zimmermann Filho (São Paulo, SP)

Correto o colunista Demétrio Magnoli em relação ao caso Lula ("Lula livre", 21/9). Aliás, Sêneca, pela boca de Medeia — há 2.000 anos! —, já alertava para a imprestabilidade de decisão saída de processo em que não foram observadas as regras processuais. Por mais correta que possa parecer a sentença, ela será necessariamente injusta se não for gestada em um processo justo, o diz claramente Medeia.

Raul Moreira Pinto (Passos, MG)

Importante quando um influente colunista evidencia o que realmente importa em uma democracia, defendendo o respeito aos fatos e o justo sistema legal. Para todos! Demétrio Magnoli foi mais um notório personagem da direita e da mídia nacional a pedir publicamente atenção isenta e séria ao que a Vaza Jato tem revelado. Em sua coluna, ressalta o já evidente fato de que, na Lava Jato, "o conluio entre Estado-julgador e Estado-acusador violou as leis".

Valter Luiz de Macedo (Rio de Janeiro, RJ)

Marilene Felinto

Que felicidade a minha saber que, mesmo ocasionalmente, Marilene Felinto voltará a escrever nesta Folha ("Ilustríssima", 22/9).

Marcos Barbosa (Casa Branca, SP)

Previdência

Parabéns à Folha por tratar da reforma da Previdência, agora focando os servidores públicos, em especial professores e policiais ("Servidores em Assembleias pressionam Previdência", Mercado, 22/9). A reportagem deixa claro que houve desinteresse do Legislativo federal e que o embate agora será nas Assembleias estaduais. Policiais e servidores em geral não querem privilégios, mas esperam que se lhes faça justiça, dentro do previsto nas constituições federal e estaduais.

Jarim Lopes Roseira, presidente da Seção de São Paulo da International Police Association (São Paulo, SP)

Lei eleitoral

A lei aprovada pela Câmara para as eleições de 2020 é um acinte ("Câmara aprova versão light de projeto que afrouxa lei eleitoral", Poder, 18/9). A população já se deu conta de que, no Congresso, os interesses dos parlamentares têm precedência sobre os do país. Projetos tramitam rapidamente, superam sem dificuldades os ritos e atropelam qualquer obstáculo ético. Fica a impressão de que, a cada nova legislação, repete-se entre os políticos um comportamento que tangencia o que o Código Penal caracteriza como formação de quadrilha.

José Tadeu Gobbi (São Paulo, SP)

No ponto

Agora sim, mesmo ainda não sendo perfeito, está no caminho certo o transporte público ("Assembleia de SP aprova lei que permite desembarque de mulheres e idosos fora do ponto", 19/9). É mesmo um problema para mulheres, idosos e deficientes quando o ponto está muito longe. Alguns têm problemas físicos e precisam andar muito para chegar ao local.

Leticia Liberto Salerno (São Paulo, SP)

MUNDO (21.SET, PÁG.A13) Diferentemente do publicado no reportagem "Tamarary nega alinhamento aos EUA em questão nuclear", a conferência da AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) ocorreu em Viena, não em Genebra.